

A Morte e o além morte... reencarnação e ressurreição

1. Ninguém sabe o que é morrer! Sabemos o que é a morte, do ponto de visto biológico, constatamos que a morte faz parte da vida! Mas ninguém sabe o que é morrer, nem sequer para o próprio morto!

Perante um cadáver de alguém querido ou conhecido nosso! Pensemos o que faltará àquele defunto (deixou de funcionar) para estar vivo? Para ter vida? Falta exatamente o sujeito! Porque se lá estivesse, estaria vivo!

Daí o célebre pensamento de Epicuro (filósofo grego, séc. IV a. C.): “A morte sendo o mais espantoso de todos os males, não é nada para nós, pois enquanto vivemos, ela não existe, e quando chega, não existimos mais”.

É a partir desta grande e misteriosa interrogação (o que é a morte?) que nascem todas as formas de culturas, filosofias e religiões... tentativas de responder a esse grande mistério: o que é o ser humano que é mortal? **O ser humano é o resultado de uma herança genética e de uma cultura em história.** É exactamente por isso, que nunca saberemos bem, o que é o ser humano! Porque o ser humano é um constante fazer-se... está sempre inacabado... já no génesis aparece: “Façamos o homem”... e no Evangelho: “O Verbo fez-se homem”.

2. Para mim, a minha morte continua um mistério, ou seja, eu por mais que pense, não consigo imaginar-me morto! Posso até pensar o que vão dizer àcerca de mim, lamentar, etc... mas posso pensar isso agora, porque estou vivo e de saúde! De contrário, seria impossível porque é contraditório uma consciência morta!

Quando eu morrer... o que é que morre? Já vos anuncio e antecipo o que vou frisar no fim: **Morro eu (todo)!** Esse é que é o problema! Esse é que é o mistério! Se não morro eu (todo; eu pessoa; eu auto-consciente), não fará sentido a ressurreição como dom generoso e totalmente gratuito de Deus! A morte é o momento onde se dá a entrega mútua e total entre nós e Deus e vice-versa! **A morte é o último dom de Deus.** Se não morrêssemos, nunca quereríamos ir definitivamente para Deus! Até os Salmos refletem essa ideia de negociação com Deus sobre a morte: “Óh Senhor Deus, se eu morrer, que lucrarás com isso? Será que os mortos podem louvar-te?” (Sl 30, 8-10). Como que a sugerir: “se eu morrer, quem te irá louvar?”!!!!

Algumas imagens da morte ao longo da história: ser autónomo, sombrio, esquelético, com gadanha ou balança na mão... tapavam-se as chaminés... as roupas pretas do luto... morte domesticada... hospitalizada... riso nos velórios...

Existir e morrer: cinco modos de imortalidade simbólica

Só deseja a imortalidade, quem sabe que vai morrer!

a) **Sentido Biológico** (Físico): os pais têm a convicção que de certa forma continuam nos filhos...

b) **Sentido Criativo**: obras de arte, construção de projetos arquitetónicos, pinturas e esculturas famosas... ou até recordações mais singelas, tais como a toalha ou o xaile de renda feito pela avó, o relógio de bolso do bisavô.

c) **Sentido Religioso**: As religiões para criarem uma imortalidade espiritual simbólica partiram da ideia de que no homem convivem duas naturezas autónomas: uma mortal (visível) e outra imortal (invisível), ou seja corpo e alma. A morte era a separação destas duas naturezas! A ressurreição defende que a alma assumirá um novo “corpo glorioso”; e na reencarnação a alma viaja até um lugar de esquecimento à espera de associar-se a um outro novo corpo disponível. Assumindo níveis existenciais superiores ou inferiores consoante lei do carma da vida anterior. As leis das sucessivas reencarnações chama-se samsara... até atingir o nirvana, o estado puro de iluminação. E os que atingem esse estado, mesmo não precisando obedecer à lei cármica, reencarnam para poder ajudar os outros que estão nesse processo... daí aparecerem gurus, sábios e mestres espirituais...

Qualquer religião traz consigo a esperança numa vida futura. Podemos notar que **no final do credo católico não se afirma nenhuma crença em particular, mas uma esperança**: “*Espero a ressurreição dos mortos e na vida do mundo que há-de vir*”! Como será essa vida? Ninguém sabe! Mas eu espero que o meu espírito (ou seja, o santuário onde habita o meu “eu auto-consciente”), sem perder a sua identidade, se irá juntar ao Espírito Transcendente a que chamamos Deus (Javé, Alá, Abba-Pai...) que é intemporal e por isso mesmo imortal.

A diferença entre alma e espírito: ***o espírito*** é a partícula divina, a centelha que Deus acendeu em mim e que me faz participar, sentir, sintonizar e ligar-me ao divino em mim; ***a alma*** é, por assim dizer, a “*o corpo do espírito*” em mim, segundo a minha configuração da minha narrativa biográfica e histórica.

d) **Sentido Natural**: Se pensarmos na máxima de Lavoisier (cientista francês, séc. XVIII, considerado o pai da química moderna), diz o seguinte: “*Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*”! Com isto, ele afirma que não se pode criar algo a partir do nada, nem se pode transformar algo, em nada! Aqui a imortalidade simbólica conquista-se através da continuidade da vida na natureza, ou seja, os atos do meu corpo vão se desintegrar na sepultura ou na cremação e ficarão espalhados por aí na terra, no mar, num vaso ou as minhas cinzas ficarão depositadas debaixo de uma árvore...

e) **Sentido Transcendental**: revela-se em estados psicológicos muito intensos, nos quais não há nem tempo, nem morte! Este estado de êxtase, de encanto ou deslumbramento que pode ser experienciado em qualquer um dos quatro modos anteriores. Como o dar à luz, a fome, o sono, dizemos: “*estou morto de fome, de sede ou de sono*”! O estar apaixonado, o orgasmo sexual ou intelectual por um encontro ou descoberta, as experiências

místicas dos santos em oração íntima e intensa que apelam à presença da transcendência, têm como consequência o total desinteresse pela morte pessoal!

A perspectiva cristã da morte: morte e ressurreição

Albert Camus (escritor argelino e filósofo francês, morreu em 1960) afirma que “*só há uma liberdade, fazer as contas com a morte. Depois disso, tudo é possível. Não posso forçar-te a crer em Deus. Crer em Deus é aceitar a morte. Quando tiveres aceitado a morte, o problema de Deus ficará resolvido por si - e não o inverso*”.

O que nos espera depois da morte? O Nada, respondem uns, vendo no homem um mero “*cadáver adiado que procria*”, reduzindo toda a antropologia, biografia e história de todo e qualquer ser humano a um simples capítulo zoologia! Nesse caso, não passaríamos de simples mosquitos ou semelhantes a folhas de alface destituídos de consciência e autoconsciência, de liberdade e de vontade. De facto, eu vou morrer, como qualquer ser vivo que nasceu, mas a minha biografia, a minha comunicação, a minha identidade também morrerá comigo? Porque nós não somos só isto que aparentamos exteriormente: somos história e memória, somos necessidade e desejo, projeto e esperança, somos luta e vida, plasmados de sonhos e amores! E isso, não pode cair simplesmente no absurdo, no vazio, no nada, nem ficar coberto pelo pesado manto do esquecimento, para sempre! Aqui podemos ancorar a possibilidade da esperança da vida eterna.

A diferença entre vida eterna e imortalidade da alma: a ideia da **imortalidade** da alma é uma herança egípcia e babilónica, que influenciou a filosofia grega clássica, o NT e chegou até nós pela teologia de Agostinho, Tomás de Aquino, etc... significa que não morre; **a vida eterna** significa que sempre existiu, não teve princípio nem terá fim. Vive e existe fora do (nosso) tempo.

O fundamento de toda a esperança cristã reside na ressurreição de Cristo (Cor 15, 13-14).

- a) “Ressuscitar ao terceiro dia” não significa regressar a esse mundo, mas entrar no Outro! Jesus ressuscitou no momento da sua morte, ressuscitou, não voltou mais! Se “ressuscitar” fosse regressar a essa terra, seria a criação a andar para trás! Curioso é a expressão “levantar-se do túmulo” ligado ao momento da ressurreição de Cristo. Os três dias representam os três momentos que precisamos para entender e integrar um acontecimento importante na vida: o choque (emoção); gestação (ruminar); e ao terceiro dia levantar-se de novo... (Tríduo pascal: paixão-morte-ressurreição).
- b) Ideia de corpo versus pessoa. Para os cristãos o corpo é diferente do conjunto dos órgãos ou do cadáver. O corpo é a realidade da pessoa viva, o seu modo de comunicar com o exterior, a sua capacidade comunicar com os outros, a sua biografia, a sua história, a sua identidade, a sua vida sempre em transformação! É isso que me faz ser eu, a minha pessoa! A ressurreição é a transformação de toda essa realidade noutra pessoa, a que S. Paulo chama de corpo espiritual ou glorioso, que mais não é do que “*outra forma de estar e comunicar...*”.
- c) O “fim dos tempos” e aparições do Ressuscitado: O fim dos tempos começou com a pessoa de Jesus, mais precisamente com a sua paixão, morte e ressurreição e não deve ser confundido com o *terminus* desse mundo natural! Carta aos Hebreus 1, 1-2 é muito clara em relação a esse assunto.

Como sabemos que Jesus Cristo ressuscitou? Verificou-se quatro grandes transformações nos discípulos:

1. De confusos e perdidos, começam a compreender e a ensinar as escrituras.
2. Com medo e fugitivos, passam com alegria e coragem a dar a própria vida.
3. Deixam o individualismo e passam a viver em comunidade de partilha de bens.
4. Partem em missão, com inesperada capacidade de perdoar, curar e consagrar em nome de Jesus Cristo.

Três critérios para distinguir uma experiência mística de uma alucinação psicótica:

1. Ambiente saudável e equilibrado de fé e acolhimento: Deus não se impõe!
 2. O conteúdo da mensagem é basilar, porque não faz sentido agora dizer algo contraditório aos Evangelhos!
 3. Os efeitos que resultam desse encontro, no sentido de produzir transformações profundas e autênticas ao nível da fé, da esperança e da caridade no místico!
 4. Se essas referências e conjugam harmoniosamente posso crer que Deus está presente na vida daquela pessoa!
- Ao morrermos uns pelos outros, estamos a ressuscitar. A Páscoa não só um momento na vida, mas a vida toda!

Conclusão: Saber lidar com a morte é aprender a viver!

É uma grande ilusão pensar que tenho o controlo absoluto da minha vida! É um convite a abrir-me ao mistério! Eu não me pertença! Eu não sou dono de mim! Um dia, voltarei para o meu Senhor!

Na criação Deus fez tudo e viu que “*era muito bom*”. Daí que, se não fosse a morte, nós nunca quereríamos ir para Deus! Reparai que a morte é a última forma de Deus nos tornar totalmente seus! Deus “rouba-nos” de nós próprios! A ressurreição não é voltar aqui a este mundo de novo! É entrar definitivamente no outro.

A inquietação acerca da morte resume-se, no fundo, a uma questão de GENEROSIDADE, de DOM, de ENTREGA! A morte é o momento oportuno de fazermos do nosso fim, a nossa última eucaristia, a última oferta que podemos fazer de nós próprios, a Deus!

A resposta bíblica sobre o que acontece aos que morrerem: Ressurreição de Lázaro em João 11.